

Hermenêutica da motricidade humana

Sérgio Oliveira dos Santos¹

Resumo: Superar o paradigma cartesiano, dualista e simplificador em direção a um paradigma sistêmico na análise do *homem em movimento* é o que se propõe a Ciência da Motricidade Humana (CMH) já que aponta para o ser humano na sua totalidade e não só para seu físico, pois que o movimento exige a participação de uma complexidade. O corpo, nesta dimensão, não é apenas um deslocamento em tempo e espaço, é muito mais do que apenas um movimento na existência, mas um projeto a caminho de sua transcendência. Ao apostar num olhar integrado entre *arte-esporte-educação-linguagem*, proponho neste artigo apresentar um modelo de interpretação do homem em movimento através dos *campos sistêmicos da motricidade*. O processo integrativo, próprio da metodologia da motricidade humana, será foco de análise e discussão na tentativa de delimitar novas perspectivas que dimensionem as práticas corporais contemporâneas e suas implicações educativas.

Palavras chave: Motricidade humana, campos sistêmicos, educação física, educação, hermenêutica.

Abstract: Overcome the dualistic and simplified cartesian paradigm toward a systemic paradigm in analysis of man in action it is the goal of Human Motricity Science (HMS), since is linked to vision of man as a whole (not only his body), because his movement requires the participation of a complexity. Body, in this dimension, is more than just a movement in existence, but a project on the way to its transcendence. I propose in this article to present a model for the interpretation of human movement through the *systemic fields of motricity*. The integrative process, will be the focus of analysis and discussion in an attempt to define new perspectives for contemporary body practices and their educational implications.

Keywords: Human Motricity, systemic fields, physical education, education, hermeneutics.

Introdução

A ciência da motricidade humana (CMH) estabelece-se como uma ciência do homem, pois apresenta métodos e técnicas que não se confundem com outras interpretações e, portanto, precisa ser ensinada e ensinar a problematizar em outras dimensões. Seu objeto de estudo, o corpo em ato, ou melhor, o ser humano em busca intencional da transcendência², enquadra-se no grupo das ciências humanas ou hermenêuticas³ (SERGIO, 2008, p. 43-44).

E, ao apostar num olhar integrado entre *arte-esporte-educação-linguagem*, a motricidade humana se revela, provocando a formulação de uma nova estética.

A motricidade surgirá para aqueles preparados para enxergar além dos limites da forma e dispostos a invadir campos e dimensões que constituem sua essência. O mover humano, por sua complexidade, é um fenômeno de difícil acesso devido a sua totalidade estruturante, principalmente se seguirmos adotando modelos de interpretação reducionistas.

A CMH propõe uma nova maneira de interpretar o mover humano, mas torna-se necessário o desenvolvimento de ferramentas capazes de auxiliar os professores a

¹ Doutorando e Mestre em Educação (UMESP), professor de Educação Física e Judô da PMSCS, coordenador do Núcleo de Formação de Judô de SCS e membro fundador da REMoHC (Rede Educativa de Motricidade Humana e Corporeidade – CECAPE SCS).

² No sentido de superação e não no sentido metafísico.

³ A experiência hermenêutica não representa um “passo contado” na tentativa de saber tudo. Sua base não é a busca do conhecimento definitivo, mas é o constante encontro com a obra, com o texto, com linguagem (NETO, 2011, p. 13) e, no caso deste artigo, com a motricidade humana.

olhar o fenômeno com mais propriedade, para que se torne efetiva a práxis educativa⁴ nos moldes deste novo paradigma, permitindo observações que ampliem a visibilidade e as possibilidades de análise e, consecutivamente, novas práticas.

Por ser composta por uma diversidade de fenômenos que se desenvolvem em fluxo, a motricidade humana transgride a ordem do que está posto em sua esfera visível. Para compreender a motricidade é fundamental avançar para além dos domínios da física, da mecânica, da fisiologia, da anatomia, porém, sem desconsiderá-los. Como fazê-lo?

Os conhecimentos quantificáveis relacionados à motricidade não podem ser desvinculados de sua essência, ou seja, não podem estar distanciados de sua significação já que a intencionalidade do praticante deve ser também considerada.

Pereira (2006, p. 64) diz que a efetivação dos processos de mudança na Educação Física surgirá “*a partir de uma compreensão radical do significado do movimentar-se de cada ser humano, considerando a complexidade do fenômeno da motricidade humana ou intencionalidade operante que traduz em fonte inesgotável de simbologias*”.

Os métodos de compreensão devem se integrar com os métodos de interpretação (SERGIO, 2008, p. 23). Novos modelos interpretativos precisam romper com as distinções científicas que mais reforçam a busca de identidade do que compreendem a complexidade e completude do agir do homem. Assim, como afirma Manuel Sérgio (2008, p. 24-25):

...ler a realidade implica um processo que a intui como algo complexo e multidimensional; as representações da realidade integram ordem-desordem-interações-organização; a realidade desponta de uma causalidade complexa, correlativa, determinista, aleatória, onde todos estes elementos mutuamente se inter-relacionam; um sistema aberto é de facto uma unidade complexa de diversidades, multiplicidades e antagonismo.

Assim como nos ensina Lauand (2013, p.13-14), a realidade humana se esconde e não dispomos de instrumentos para olhá-la diretamente:

Posso analisar realidades mínimas com poderosos microscópios; realidades imensamente distantes, com telescópios (ou até enviar uma sonda a Marte para saber se lá há água) etc. Mas, e quando se trata da realidade humana: o que é o amor, a inveja, a gratidão, a justiça...? De que instrumento dispomos para sondar o coração humano?

Assim Lauand sugere, baseando-se no filósofo alemão Josef Pieper, que a realidade humana só pode ser acessada por canais indiretos através das ações, instituições e linguagens.

Ou como aponta Manuel Sérgio (2008, p. 26) “*O desportista, o dançarino, o trabalhador, o paciente, a criança, o idoso, etc., não fornecem dados ao estudioso,*

⁴ O conceito de práxis para a CMH aproxima-se da noção de *poiesis*, onde a produção está ligada a um processo de criação, de imaginação, de intuição poética e não numa simples prática (PEREIRA, 2006, p. 181)

como o positivismo entende esta palavra, mas o horizonte do indivíduo à luz do seu contexto cultural e histórico..."

Dessa maneira, proponho apresentar um modelo de interpretação da motricidade humana através dos *campos sistêmicos da motricidade*. Esse processo integrativo, próprio da motricidade humana, adota a hermenêutica como abordagem metodológica, com suporte em antropologia filosófica e linguagem onde o foco de análise e discussão recai na tentativa de delimitar novas perspectivas para as práticas corporais contemporâneas.

As implicações educativas resultantes da utilização do modelo de interpretação da motricidade humana através de campos sistêmicos pode alterar sobremaneira as intervenções didáticas dos professores de Educação Física em diversos tipos de prática, como estamos constatando em alguns experimentos⁵.

Neste artigo, no entanto, o foco é a descrição resumida do modelo interpretativo dos campos sistêmicos, não se ocupando da apresentação de modelos prescritivos.

A origem desse modo de pensar nasceu na arte, mais precisamente no estudo da música clássica, onde tive uma disciplina chamada *Apreciação Musical*, que ampliou minhas experiências interpretativas a partir do estudo de diversos elementos como vozes, timbres, instrumentação, compositores, estilos, etc. Sua função foi "tornar a música audível", revelando toda sua beleza e complexidade.

Não me recordo de ter uma disciplina na graduação em Educação Física com o nome "apreciação da motricidade". Penso ser este um dos motivos que restringem o desenvolvimento de modelos interpretativos adotados para olhar o *ser movente*. Quem sabe não esteja na hora de inaugurar uma nova disciplina acadêmica.

Interpretando fenômenos complexos

Fenômenos complexos não podem ser vistos somente por um único e reduzido ponto de vista. As ciências tradicionais adotam o modelo da observação setorial dos fenômenos para depois transportar suas generalizações. No entanto, esse modelo não responde a análise de sistemas complexos onde o humano é fenômeno de estudo.

A motricidade humana, historicamente, tem adotado, e ainda adota modelos interpretativos reducionistas que impedem a análise mais apropriada de sua natureza complexa.

Silvino Santin (2000, p. 55) diante da problemática cultura racionalizada, cientificizada e industrializada do cultivo de um corpo tido como objeto vitimado por interesses políticos, econômicos e ideológicos já apresentava as questões:

Que compreensão de corporeidade deveria orientar os exercícios de Educação Física e fundamentar as nossas atividades esportivas? De que maneira seria possível estabelecer uma imagem de corporeidade capaz de cultivar corpos humanos?

Eu completaria essas questões com outras:

⁵ Para conhecer melhor as implicações educativas desse modelo interpretativo veja: dos Santos, Sérgio Oliveira. "Judô e as lutas históricas: outra dimensão de campo valorativo e de significação da motricidade na infância." In: <http://www.hottopos.com/notand30/31-38Sergio.pdf> dos Santos, Sérgio Oliveira. "Um modelo relacional da motricidade." In: <http://www.hottopos.com/collat11/45-54Sergio.pdf>

Como então olhar para a motricidade humana e conseguir interpretá-la a partir do paradigma da complexidade?

Como tornar um docente apreciador dos fenômenos humanos ligados a corporeidade?

Precisamos de novas lentes para dimensionar novas realidades.

A CMH, por reconhecer a complexidade no mover do homem entende que a metodologia a ser empregada na interpretação desse fenômeno é o método integrativo⁶ (PEREIRA, 2011). Justamente este modelo metodológico permitiu a formulação de uma hermenêutica própria para observar e analisar a motricidade humana que denomino *campos sistêmicos da motricidade*.

Trata-se de um modelo que reúne diversas perspectivas conceituais para olhar a motricidade considerando sua complexidade ao mesmo tempo a condição do ser humano em sua totalidade epistêmica.

Visamos assim:

...superar a oposição reducionismo-holismo por um conceito sistêmico, que integre as relações complexas entre as partes e o todo; indivíduo, grupo, espécie, sociedade, cultura são sistemas autônomos, abertos, termodinâmicos, na sua auto-organização e auto-eco-organização, ou seja, na sua organização que, embora autônoma, se encontra em relação dialética com outros sistemas circunvolventes; cada sistema social a observar é um polissistema composto por sistemas de sistemas. (SERGIO, 2008, p. 25-26)

Essa totalidade, assim como no pensamento oriental, se refere a um agrupamento sem qualquer distinção de individualidade, ou seja, é vista como unidade. A grande diferença está em tratar o UM como um numeral no pensamento ocidental; enquanto no pensamento oriental o UM é visto como fenômeno, portanto resultado lógico na concepção oriental da realidade das relações (SANTOS, 2013, p. 41).

Adotar uma aproximação entre o pensamento oriental e a CMH é de fato possível como já observado por José Antunes de Souza (2011, p.7) e reforçado no trecho abaixo:

O caminho pedagógico emergente tende a favor daquilo que sustenta a CMH, ou seja, a compreensão de que o movimento humano é uma totalidade dinâmica, que se estrutura, a cada instante, em função de uma intenção de um sujeito com o mundo. Idéia esta reforçada por sua permeabilidade com o pensamento oriental bem como com recursos lingüísticos interativos, como é o caso da *voz média*, todos apontando para uma maneira contemporânea de estabelecer relações no espaço educativo, **a totalidade como princípio paradigmático fundamental**. (SANTOS, 2013, p. 195)

Com o modelo que será apresentado é possível adentrarmos na construção de um projeto filosófico/pedagógico/antropológico que permite integrar a excelência do ensino da técnica com o desenvolvimento humano em direção a estética, fazendo uma

⁶ Trata-se de um pluralismo metodológico que considera a complexidade dos fenômenos humanos.

junção entre os *fenômenos corporais da forma, da essência, do valor, das relações e das circunstâncias* discriminados pelos *campos de ação, de significação, valorativo, relacional e histórico/cultural*, integrados e compreendidos numa circularidade sistêmica.

Muitos estudiosos defendem a importância dos modelos holísticos e sistêmicos, mas é evidente a dificuldade de construir ferramentas de observação para a interpretação da realidade nessas perspectivas.

Como avançar nesta direção?

A interpretação da motricidade por campos sistêmicos.

A CMH, por si só, não é capaz de produzir transformações efetivas na práxis pedagógica se não puder proporcionar instrumentos de observação capazes de levar o docente a olhar o mover humano para além das fronteiras até então estabelecidas pelo paradigma racionalista cartesiano-newtoniano.

A teoria está distante do conhecimento dos professores de Educação Física e, para os que tem acesso, constata-se a dificuldade em (re)dimensionar as práticas cotidianas devido à complexidade do tema.

Diante desta problemática sugiro um modelo de observação através de campos sistêmicos, interconectados e interdependentes.

Um campo sistêmico trata de um universo interativo de elementos ou componentes que o constituem, provocando fenômenos a partir de suas combinações não observados se analisados separadamente e que, de certa forma, se reorganizam autonomamente provendo a continuidade da existência do fenômeno dando o caráter de circularidade e complementaridade⁷.

Tal concepção nos permite interpretar a realidade em termos de totalidade integrada fruto de relação e interação de elementos. Trata-se de uma lógica interdependente assim como descrito pelo pensamento chinês quando apresenta o par *ying-yang*, uma dinâmica busca de equilíbrio entre forças complementares.

Criar um modelo de análise capaz de revelar as dimensões da motricidade humana não é tarefa fácil e não deve ser pensado apenas para produzir distinções fragmentadas para a compreensão do todo. O desafio é olhar para o humano em movimento, com o esforço de revelar componentes da motricidade que se encontram “escondidos” além daquilo que pode ser visto e mensurado. A proposta não é dimensionar a relação *parte-todo* e sim revelar uma complexidade sistêmica entre campos ou domínios.

Há muito mais beleza na ação corporal humana do que somos capazes de ver, ou, dizendo de outra forma, não teremos acesso à essência do mover do homem com olhares reducionistas.

Uma corrida numa brincadeira de pegador, por exemplo, não é apenas um deslocamento de um corpo em certa direção, regidos pelas leis espaço/tempo controlados por trenas e cronômetros. Como já nos havia alertado Freire (2000, p. 17)

A motricidade humana rejeita a idéia da simplificação. Acolhe a idéia da complexidade. Rejeita a idéia de determinação, de previsibilidade, de irreversibilidade. Acolhe a idéia do caos, de imprevisibilidade, de

⁷ Maturana e Varela (2003, p. 69-74) apresentam o conceito de *autopoiesis* para fenômenos dessa natureza.

incerteza. Do ponto de vista da motricidade, nunca poderíamos nos referir a pernas que correm, mas a pessoas correndo.

A motricidade, por ser um fenômeno complexo, exige novos projetos de observação que possa permitir novas projeções. “*Quando investimos no fenômeno da motricidade humana, descrevemos a face cultural do gesto, descrevemos o visível, que não vem desacompanhado, mas antes, traz consigo tudo aquilo que não se vê*” (FREIRE, 2000, p. 117).

Algo mais está em jogo... como enxergá-lo?

O modelo interpretativo através de campos sistêmicos busca ampliar o sentido de observação contemplando fenômenos a partir de campos e, ao mesmo tempo, suas interconexões.

Foram estipulados, a priori, 5 campos dimensionais ou domínios que, em seu conjunto, formam o *campo sistêmico*. São eles: *campo de ação, campo de significação, campo valorativo, campo relacional e o campo histórico cultural*.

Não é possível afirmar que o fenômeno da motricidade humana pode ser analisado em sua totalidade só por este modelo. Como diz Gadamer: “*No hay que esperar de la hermenéutica una claridad ni verdades definitivas en una forma dogmáticamente fijada...no significa la posesion de la verdad, sino una ayuda para llegar a ella*”⁸. Assim, outros modelos interpretativos podem fazer surgir outros campos dimensionais não contemplados neste estudo.

A observação e análise de fenômenos humanos a partir de campos e domínios pode construir “uma outra” linguagem interpretativa, como diz Santin (2000, p. 67): *O corpo é falante, mas sua linguagem não deve ser científica, nem gramatical, muito menos matemática. Ela é sem dúvida, cifrada, falta o intérprete*.

O campo de ação – CA

O campo de ação corresponde à dimensão da motricidade onde ocorrem todos os fenômenos diretamente ligados a materialidade da ação, ou seja, onde os fenômenos espaço/tempo/causalidade podem ser vistos e mensurados.

A concretude das vivências corporais é objeto de estudo desta dimensão. Neste campo observamos, por exemplo, as diversas técnicas corporais nas diferentes formas de prática expressas nos esportes, nos jogos, nas ginásticas, nas lutas, nas danças, nas atividades circenses, na reabilitação, entre outras.

O campo de ação é o campo do visível, o campo do fazer e que também envolve os materiais e equipamentos das práticas corporais. É nesse campo que ensinamos e apreciamos o chute, o golpe, o arremesso, a braçada, o salto, a corrida, a rebatida, etc.

Nele é possível estudar as relações sujeito-objeto-objetivo em sua perspectiva dialética, os processos didáticos de ensino-aprendizado das técnicas corporais de determinada prática, alterações metabólicas proporcionadas pelos exercícios corporais, à eficiência dos movimentos, entre outros.

⁸ Gadamer narra la historia de la filosofía, Cap. 6. La hermenéutica. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=sSph7h67gs> Acesso em 23/12/2013.

Historicamente esse é o campo onde mais são investidos esforços de interpretação e onde mais os profissionais da motricidade se debruçam para tornar sua intervenção factível.

Por um lado, esse campo é profundamente desvalorizado nos espaços educativos, que devido a divisão cartesiana do ensino, coloca as tarefas intelectuais acima das vivências corporais. O descaso que a disciplina de Educação Física e seus profissionais recebem em sua atividade docente é fruto deste processo.

Por outro lado, é no campo de ação onde é possível o *ser* colocar-se em *ato*. Este campo é fundamental para o desenvolvimento da motricidade. Nele o corpo em ato concretiza a vivência através da corporeidade, porém, reduzir o movimento corporal somente nesta dimensão é destituir o humano de sua essência.

O movimento humano não se reduz ao campo de ação uma vez que sua natureza é transcendente no sentido de ir além do simples fazer instrumental. Olhar para o que está além da fronteira do mensurável é adentrar na essência da condição humana transformando o importante ato do fazer numa linguagem onde as ações corporais possam fluir no campo da significação.

Trata-se de um campo superficial, de fácil acesso e onde a maioria dos profissionais da Educação Física e Esportes destinam suas análises e observações que referenciam as propostas de atividades ofertadas aos alunos.

Aqueles que assentam sua observação apenas neste campo tendem a olhar o movimento do ser humano, sua eficiência e performance, por outro lado, para que possamos compreender a motricidade em sua essência é necessário olhar para além do campo de ação, é necessário olhar para o humano que se move.

O campo de significação – CS

O campo de significação representa a dimensão da motricidade onde circulam os domínios subjetivos e imateriais, muitas vezes ignorados e pouco compreendidos, pela dificuldade de mensurá-los pelos métodos tradicionais da ciência clássica.

Pertencem ao campo de significação a intencionalidade, elementos da linguagem corporal e da semiótica, as representações simbólicas, as diferentes nomenclaturas que definem as ações, os fenômenos subjetivos do jogo, entre outros.

Como nos faz lembrar Josgrilberg (2013, p. 21) “*O ser humano é um buscador/ doador de sentido (aspecto da intencionalidade) e de superação, um ser aberto de possibilidades...*”

Por isso hermenêutica, pois, como aponta Sérgio (2008, p. 26) “*a arte de compreender o sentido, porque se trata, de facto, de compreender sentidos, significações, intenções*”.

Esse campo reflete a dimensão do invisível dando sentido à ação. Sentido interpretado como direção, um caminho a ser seguido, o relativo ao “DO” para o pensamento oriental. Esse campo trata de estudar os códigos da ação.

Se o campo de ação corresponde à materialidade da ação o campo de significação possibilita a análise da sua virtualidade. Enquanto a materialidade do campo de ação necessita da razão espaço/tempo/causalidade para existir a virtualidade da ação permanece eterna e numa esfera que pode ser retomada a qualquer instante, mesmo remotamente.

É essencialmente o campo de significação que nos dá a condição humana para o movimento do corpo. Isso porque somos dotados da possibilidade de representação. Como afirma Moura (apud. CUNHA, 2000, p. 101): “*o corpo não é coisa entre as*

coisas, mas lugar do advento delas à significação, mediante a doação de sentido de que ele operativamente se desempenha". Esportes, jogos, brincadeiras, lutas, danças e ginásticas são produtos culturais da integração dos fenômenos concretos pertencentes ao campo de ação com os fenômenos simbólicos atribuídos aos movimentos do corpo.

A passagem de um movimento qualquer para motricidade humana exige que o campo de significação seja acionado em conjunto com o campo de ação, assim, "*doar-se sentido ao movimento que visa à transcendência*" (CUNHA, 2000, p. 101). De fato, os dois campos estão interconectados mais, por efeito do modelo reducionista, este tem sido desmembrado daquele.

Pensar um modelo sistêmico para observar a motricidade humana requer uma interrupção das disputas entre os diferentes modelos científicos para harmonizá-los através de modelos interpretativos que considerem a complexidade como elemento natural, tanto quanto é natural tratar as perspectivas científicas contemporâneas sob a ótica da discussão e não da certeza (MOREIRA, 2000, p. 204)

Daí resulta que a ação corporal combinada com a significação aproxima nossa observação do homem em movimento ao que é de fato, um caminho para a compreensão do todo, muito próximo do modo de pensar oriental.

Quando, por exemplo, pensamos na analogia do tempo do relógio e do tempo do humano podemos entendê-los melhor a partir da utilização do modelo dos campos sistêmicos. O tempo do relógio, que possui características mecânicas, tende a captar apenas os fenômenos do campo de ação. Se a análise aqui apresentada não incorrer em equívocos, podemos afirmar que o tempo do humano não se encerra no campo de ação. Quando unimos o tempo do processo de significação, muito particular de cada ser, com o tempo da ação mensurável, estamos estruturando o tempo vivenciado do humano.

Desta forma, o tempo do humano não se reduz aos dados cronometrados. Estes podem ser considerados, mas é necessário transcendê-los. A motricidade, controlada e valorada apenas pelo tempo/espaço mensurável institui a impossibilidade de apreciarmos a natureza humana, pois deseja a exatidão dos gestos desconsiderando a dimensão de seus significados. E por alterar o espaço/ tempo tradicional adentramos no universo estético, portanto ligado a arte e constituinte de outra dimensão de verdade garantida pela abordagem hermenêutica.

Vale ressaltar que o processo de construção da significação de determinada ação vivenciada ocorre de acordo com o *mundo próprio*⁹ do sujeito da ação. Assim como também é fundamental o modo de intervenção dos professores de Educação Física ao auxiliar seus alunos na construção de suas significações. Estes são, em grande parte, responsáveis por esse processo.

O campo valorativo – CV

Pertencem a esse campo todo tipo de atribuição de valor que descreve a natureza do reconhecimento recíproco frente às atividades corporais como: 1) processos de avaliação e distribuição de prêmios em eventos que fomentem as práticas observadas no campo de ação; 2) valores atribuídos, conceitos, notas; 3) torcidas; 4) divulgação de mídia; 5) destaques e elogios.

⁹ O termo é parte da teoria pragmática da significação de Jakob von Uexküll basicamente explicadas pela expressão: *Diferentes mundos-próprios, diferentes significados possíveis de um mesmo objeto*. ARAUJO, O.M.A. Significação sem representação: a teoria pragmática da significação de Jakob von Uexküll. Revista **Ciências & Cognição** 2012; Vol 17 (2): 098-114 <<http://www.cienciasecognicao.org>>

Tal como o conceito de eticidade (*Sittlichkeit*) de Hegel, como aponta Ragnani (2009, p.41):

...a esfera social proporciona a possibilidade dos sujeitos se auto-reconhecerem nas suas potencialidades e capacidades mais ou menos semelhantes, ou seja, a possibilidade de estarem em comunhão, reconhecendo o outro na sua singularidade e originalidade, o que faz com que cada nova etapa de reconhecimento social capacite o indivíduo apreender novas dimensões de sua própria identidade, o que, por fim, estimula novas lutas por reconhecimento, mostrando que o ponto central deste processo é este movimento em que conflito e reconhecimento condicionam-se mutuamente.

O campo valorativo direcionado ao resultado competitivo, por exemplo, gera significações muito diferentes de campos valorativos direcionados a aspectos estéticos da motricidade e, por sua vez, produzem alterações no campo de ação.

No fazer humano, em certos momentos, o indivíduo ultrapassa o limite da construção da corporeidade por sua mera experiência corporal passando a organizá-la a partir da ótica de imagens corporais pertencentes a uma ordem social (SANTIN, 2000, p. 53). Neste domínio é onde observamos, por exemplo, a forte presença da mídia na veiculação de valores estimuladores do consumo tanto nos produtos para a “atividade física” promotoras do bem estar como das milagrosas receitas de transformação das estruturas corporais em busca do “corpo perfeito”.

O modelo de interpretação da motricidade que está sendo proposto possibilita analisar impactos dos processos valorativos na desejabilidade e intencionalidade dos praticantes e também as interferências diretas no campo de ação e significação.

O campo valorativo está integrado com os demais campos já apresentados porém mais fortemente ligado ao campo relacional. Isso porque são as pessoas que representam o campo valorativo. Elas são as construtoras e veiculadoras dos valores culturais da motricidade e da corporeidade.

O campo de significação e o campo valorativo são próprios da condição humana. Não se observa a existência desses campos em outros seres viventes. Os sentidos, significados e valores da motricidade são materializados no campo de ação e veiculados através do campo relacional.

O campo relacional - CR

A motricidade, em grande parte, se processa num ambiente de relações interpessoais. As suas formas de expressão, marcadas pelas vivências corporais, correspondem a espaços de diálogos efetivos que vão além da linguagem oral/escrita.

Desde as primeiras relações mãe-filho até as mais complexas relações observadas em diferentes atividades esportivas e artísticas, as vivências corporais formadoras da humanização são estruturadas nas relações de trocas.

A relação intersujeitos ocorre no campo de ação, vivencial, e nele são constituídos os processos de significação e valoração das ações corporais feitas pelos sujeitos ali envolvidos assim, os seres, vão constituindo uns aos outros. Como aponta Pereira (2006, p. 83) “*a vida intersubjetiva pressupõe uma relação dialética e complexa entre: o eu, o outro e o mundo*”.

Uma relação mútua de “reconhecimento”, termo utilizado por Hegel (apud. RAVAGNANI, 2009, p. 45) onde os “*sujeitos reconhecem-se numa reciprocidade de*

um saber-se-no-outro na medida em que constroem um conhecimento partilhado intersubjetivamente pelos dois acerca de si mesmos no outro”.

As atividades corporais representam uma fonte inesgotável de experiências dialógicas que podem tender a processos mais ou menos humanizantes conforme se estruturam as vivências intersubjetivas.

O corpo constitui um patrimônio cultural que na (*con*)vivência é compartilhado. Assim, o campo relacional torna possível “a troca” de saberes culturais do qual o corpo é portador, uma vez que expressa, percebe e compreende as intenções de outrem provocando a circularidade mútua (PEREIRA, 2006, p. 85).

Esse domínio é que desejamos explorar com mais profundidade quando analisamos sua participação nos campos sistêmicos apresentados.

O campo histórico/cultural - CHC

Aqui tratado como um campo circunstancial, mais amplo, define o espaço/tempo histórico onde os fenômenos da motricidade estão inseridos.

Toda ação humana ocorre em determinado período histórico-cultural e a motricidade é parte desse processo, assim esta sujeita a planos mais amplos da ação social não podendo isolar-se dela.

Observamos com frequência os jogos de poder em torno das atividades corporais em especial naquelas onde são claramente descortinadas as questões econômicas próprias do modelo neoliberal. Assim esse campo também contempla interpretação políticas relativas à motricidade.

De campos interpretativos para campos educativos

Desenvolver o potencial humano na motricidade implica considerar o funcionamento sistêmico dos campos CA+CS+CV+CR+CHC que, em sua totalidade, formam a cultura corporal.

Ao olharmos para as atividades corporais a partir desse modelo interpretativo localizamos o humano na práxis, pois consideramos os exercícios ou jogos realizados, as intencionalidades de seus praticantes, os modos relacionais processados nessas atividades bem como a forma como são atribuídos os valores relativos à vivência corporal.

Uma aula, vista a partir dessa perspectiva, faz surgir uma infinidade de elementos que permitem ampliar as formulações dos conteúdos, dos objetivos e dos processos avaliativos nas atividades de Educação Física e esportes.

É possível, por exemplo, compreender por que o modelo competitivo é predominante ao demonstrativo nas práticas corporais na escola assim como a relação de determinadas práticas com a questão de gênero.

Podemos então conceber uma forma de educação integral composta por outros referenciais que se distancia do paradigma da simplicidade e segue em direção ao paradigma da complexidade como afirma Manuel Sérgio (2008, p. 47) “*A CMH só existe na medida em que assume o ser humano na integralidade de suas funções e das suas potencialidades*”.

Dentro dessa análise o professor de Educação Física tem um papel fundamental uma vez que organiza e propõe situações de vivências corporais que apreendem todos esses campos apresentados.

Porém, na maioria dos casos, não dimensiona a importância de suas intervenções didáticas ou as reduz ao campo de ação. Sua forma de conduzir as práticas corporais, a maneira como às significa perante seus alunos, como conduz os processos valorativos e como intervêm nos modos relacionais, vão constituindo as experiências formadoras dos alunos frente à motricidade podendo torná-los, ou não, grandes apreciadores do mover humano.

Considerações finais

Para olhar a motricidade humana não podemos reduzi-la como se fosse um mecanismo operacional cujos limites estejam fixados pelo observador e que nele encerram a compreensão de seu funcionamento.

Olhar a motricidade a partir dos campos sistêmicos implica em considerá-la um fenômeno humano constituído por uma complexidade que só se explica dentro de uma dinâmica circular e complementar entre seus elementos que independem do observador para acontecer.

A motricidade revela-se quando podemos enxergar além do que é visível, mensurável ou dimensionado pela materialidade, sem desconsiderá-la.

É interessante, de passagem, mencionar a impropriedade do termo “educador físico” muito utilizado pelos próprios profissionais que tem como objeto de trabalho a motricidade.

Que “educador físico”, se a essência educativa da motricidade está na condição humana de compreender e transcender a dimensão do estritamente físico. Como podem adotar, na busca de um vocabulário científico que traduza a CMH a palavra “físico” no lugar de pessoa? (SERGIO, 2008, p. 40).

Somos constituídos da possibilidade de construir sentidos/significados para as ações corporais humanas, atribuir-lhes valor, partilhar o reconhecimento nas interações pessoais de modo a transformar a realidade, gerando outros componentes de significação formadores do tempo histórico/cultural, ou seja, a motricidade é um ciclo.

As expressões corporais vividas, significadas e valoradas na dialogicidade dos corpos históricos são fundamentalmente produtores ao mesmo que produto da cultura, portanto devemos ter cuidadosa atenção aos termos lingüísticos que vamos adotar para definir o homem em movimento rumo ao SER MAIS.

Tratar a motricidade humana a partir dos campos sistêmicos permite propiciar elementos de análise em direção a expressão máxima dos valores humanos materializados no corpo em ato.

Finalizo assim apontando a possibilidade de adotar a hermenêutica como o *logos da motricidade*.

Referências bibliográficas

CUNHA, M. S. V. Motricidade humana: um paradigma emergente. In: GEBARA, (et. al.); MOREIRA, W.W. (org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 5ª edição, 2000, p. 91-107.

FREIRE, J.B. Método de confinamento e engorda (como fazer render mais porcos, galinhas, crianças...). In. GEBARA, (et. al.); MOREIRA, W.W. (org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papyrus, 5ª edição, 2000.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. de Luiz Repa. São Paulo: Ed. 34, 2003. In: SALVADORI, M. Revista Conjectura, Vol. 16, nº 1, jan./abr. 2011. Disponível em: <http://www.uces.br/etc/revistas/index.php/conjectura/article/download/895/618>. Acesso em 28/12/2013.

JOSGRILBERG, R. **A formação do ser humano em correlação com os mundos em que vivemos**. Revista Educação & Linguagem. Volume 16, n. 2, p. 17-41, jul - dez de 2013.

LAUAND, J. **Apresentação do dossiê antropologia filosófica e educação**. Revista Educação & Linguagem. Vol 16, nº 2, p. 13-16, jul - dez de 2013.

MATURANA, H.; VARELA, F. **De máquinas y seres vivos. Autopoiesis: la organizacion de lo vivo**. Buenos Aires: Lúmen, 2003.

MOREIRA, W.W. Por uma concepção sistêmica da pedagogia do movimento. In. GEBARA, (et. al.); MOREIRA, W.W. (org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 5ª edição, 2000.

NETO, A.A.B.J. **A hermenêutica da obra de arte: a experiência da arte como um jogo infinito entre pergunta e resposta em Gadamer**. Dissertação de Mestrado: Universidade Federal do Espírito Santo, 2011.

PEREIRA, A.M. **A ciência da motricidade humana e as suas possibilidades metodológicas**. Filosofia e Educação – Revista Digital do Paidéia. Vol. 2, nº 2, Outubro de 2010 – Março de 2011.

_____. **Motricidade humana: a complexidade e a práxis educativa**. Tese de doutorado. Universidade Beira Interior. Covilhã – Portugal, 2006.

RAVAGNANI, H.B. **Luta por reconhecimento: a filosofia social do jovem Hegel segundo Honneth**. Revista Kínesis, Vol. I, nº 01, Março-2009, p.39-57.

SANTIN, S. Perspectiva na visão da corporeidade. In. GEBARA, (et. al.); MOREIRA, W.W. (org.). **Educação Física & Esportes: perspectivas para o século XXI**. Campinas: Papirus, 5ª edição, 2000.

SANTOS, S.O. **A integração Oriente-Occidente e os fundamentos do judô educativo**. Dissertação de Mestrado. Universidade Metodista de São Paulo – UMESP, 2013.

SOUZA, J.A. **Motricidade Humana: um nome ou um programa de vida?** Universidade da Beira Interior, Covilhã, Portugal, 2011. Disponível em: http://www.lusosofia.net/textos/sousa_jose_antunes_motricidade_humana_um_nome_ou_um_programa_de_vida.pdf

SERGIO, M. **Textos insólitos**. Lisboa: Editora Piaget, 2008.

Recebido para publicação em 11-01-14; aceito em 12-02-14